

História Oral e o Método Biográfico: Congruências, Diferenças e Potencialidades de Utilização no Campo da Administração

Autoria: Marinalva de Jesus Oliveira, Azinaide Preciosa Mendes Baldaia Demba, Magnus Luiz Emmendoerfer, Christiane Kleinübing Godoi

Resumo

A pesquisa por meio de narrativas compreende uma importante orientação teórico-metodológica que vem sendo desenvolvida na investigação em ciências sociais e humanas. No campo da Administração, os principais métodos narrativos - a história oral e o método biográfico – são ainda incipientes e desconhecidos dos pesquisadores. Este estudo tem como objetivo discutir e comparar os métodos da história oral e biográfico, abrindo possibilidades iniciais ao campo da Administração. Apresenta-se estruturado em discussões sequenciais referentes a ambos, expondo suas origens, características, tipos, usos e potencialidades. Elabora-se, por fim, uma discussão entre esses dois métodos, expondo as suas principais similaridades e diferenças.

1. Introdução

No âmbito da abordagem qualitativa, a pesquisa por meio de narrativas compreende uma orientação teórico-metodológica sob a qual vem se desenvolvendo importantes métodos de investigação na área das ciências sociais e humanas. Na compreensão de Melleiro e Gualda (2003, p. 70), a narrativa é utilizada para “entender eventos concretos, para relatar o mundo interior e o mundo exterior de ações observáveis e acontecimentos”. Através do relato de experiências individuais na forma de narrativas, os indivíduos esclarecem e contribuem para a interpretação do fenômeno estudado.

A história de vida (FERNANDEZ, 2008; FEUERSCHUTTE; GODOI, 2011) é um método qualitativo que se utiliza de narrativas. Através da história de vida é possível compreender não só as experiências individuais relatadas pelos indivíduos como também entender os fenômenos sociais dos quais os indivíduos fazem parte. A história de vida, descreve Bosi (1994), é a narrativa da vida individual, relatada da maneira como o próprio indivíduo a reconstrói.

Como ferramenta de pesquisa, a história de vida teve uma evolução crescente e vem assumindo formas variadas, desde as tradicionais, como memórias ou crônicas, até novas as formas novas que valorizam a oralidade e consideram o estudo da vida como um testemunho vivo de épocas e períodos históricos (MORAES, 2009). Trata-se de uma investigação que por meio da interpretação valoriza o significado simbólico que os indivíduos atribuem aos fenômenos vividos por eles. Tal como relata Queiroz (1988), toda história de vida se traduz em um conjunto de depoimentos nos quais, embora tenha sido o pesquisador a escolher o quê estudar, é o narrador que decide o que narrar. E é nesse ponto que o método baseado na história de vida se torna valioso, pois através da narrativa, cruzam-se vida individual e contexto social dos indivíduos.

Dentro da cronologia do desenvolvimento da metodologia da história de vida, surgem a história oral (SANTAMARINA; MARINAS, 1994; SOARES; LOPES, 2011; MATOS; SENNA, 2011) e o método biográfico (VALLES, 1997; GIBBS, 2012; MALLIMACI; BÉLIVEAU, 2006; ABRANTES; ANÍBAL; PALIOTES, 2010), que se utilizam também de narrativas, apresentando grande valor heurístico para a investigação das relações entre história social e história individual. A escolha entre os métodos da história oral ou biográfico pode gerar muitas dúvidas ao pesquisador, pois se pressupõe que são técnicas terminologicamente diferentes em suas essências, mas que possuem pontos em comum geradores de dúvidas ao investigador, provocando tensões e possíveis confusões no momento da definição e delimitação dos procedimentos metodológicos a serem utilizados. Desde modo, esse estudo tem como objetivo apresentar as principais características do método biográfico e da história oral, apresentando as suas similaridades, diferenças, bem como as suas potencialidades como um método qualitativo.

Com o propósito de identificar intersecções, diferenças e a maneira como estão sendo utilizados os métodos da história oral e biográfico na área de Administração, realizou-se – além do estudo teórico de autores já reconhecidos e de pesquisadores dos métodos -, também uma revisão de literatura no *Scielo* (*Scientific Electronic Library Online*) e em anais de eventos científicos da ANPAD (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Administração) nos últimos cinco anos (2008 a 2012), entre estes, EnANPAD (Encontro da ANPAD), ENEO (Encontro da Divisão de Estudos Organizacionais da ANPAD), ENAPG (Encontro da Divisão de Administração Pública e Governo), ENGPR (Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho), ENEPQ (Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade).

Este estudo tem como objetivo discutir e comparar os métodos qualitativos da história oral e biográfico, abrindo possibilidades iniciais ao campo da Administração. Apresenta-se

estruturado em discussões sequenciais referentes a ambos, abordando-se assim em cada método sua historicidade, características, tipologia, usos e potencialidades iniciais de desenvolvimento dentro do campo da Administração. Posteriormente, elabora-se uma discussão comparativa entre esses dois métodos, expondo as suas principais similaridades e diferenças.

2. Historia Oral

2.1 Origem, características e tipologia

A História Oral teve a sua primeira experiência após a Segunda Guerra Mundial, visto que havia necessidade de propor novas formas de captação de experiências importantes, vividas pelos combatentes, familiares e vítimas dos conflitos (MEIHY, 1998). No início, relata Meihy (1998), a história oral combinou três principais funções complementares; o registro de relatos; a divulgação de experiências relevantes; e o estabelecimento de vínculos com o imediato urbano, promovendo assim um incentivo à história local e imediata.

A primeira geração de pesquisadores orais surgiu nos Estados Unidos nos anos 50, com o objetivo de reunir material para futuros historiadores. Tendo ainda como característica privilegiar as ciências políticas e se ocupar da história dos que ele denomina de pessoas importantes. A segunda geração de historiadores orais foi desenvolvida à margem da academia, baseando-se implicitamente na ideia de que se chega à verdade graças ao testemunho oral. Ao contrario da primeira geração, baseou-se em relatos de pessoas consideradas pela sociedade como “menos importante”. Já a terceira geração foi marcada pela adesão de vários estudiosos em diversos países na utilização da história oral. O marco principal dessa geração foi o XIV Congresso Internacional de Ciências Históricas de San Francisco, em 1975, e o Colóquio Internacional de História Oral realizado em Bolonha (ALBERTI, FERREIRA; FERNANDES, 2000; AMADO; FERREIRA, 2001).

No Brasil, em 1973, foi criado o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV), que buscava por meio dos relatos orais entender melhor o Brasil daquele período (CAMARGO e D'ARAÚJO, 1999). Em 1994, foi criada a Associação Brasileira de História Oral e a publicação de seu boletim tem estimulado a discussão entre pesquisadores e participantes de história oral em todo o país (AMADO e FERREIRA, 2001). No entender de Meihy (1998), a história oral tardou a se desenvolver no Brasil por dois fatores básicos: a) a falta de uma tradição institucional não acadêmica para desenvolver projetos registados das histórias locais; b) a ausência de vínculos universitários com os localismos e cultura popular. Outro motivo para o desenvolvimento tardio pode ser relacionado ao golpe militar de 1964 que coibiu a gravação de experiências, de opiniões ou depoimentos, criando um descompasso com o movimento que ocorria em outros países.

Alberti, em 1989, observou que a história oral já vinha sendo amplamente utilizada em diversos países, por inúmeras disciplinas, constituindo um campo multidisciplinar. Essa característica permite que algumas áreas do conhecimento, como a antropologia, psicologia, psicanálise, sociologia, entre outras, possam dar suas contribuições teóricas, especialmente no tratamento e na análise da informação oral. Haguette (1987) complementa que a história oral tem a capacidade de dar sentido à noção de um tipo de pesquisa que requer maior compreensão da vida de outras pessoas e na qual os temas abordados são estudados do ponto de vista de quem os vivencia, com suas suposições, pressões e constrangimentos.

Quanto à tipologia, Meihy (2002) postula a existência de três tipos de história oral: a história de vida, a história temática e a tradição oral, sintetizadas no Quadro 1:

Aspectos principais		
História oral de vida	História oral temática	Tradição oral
• Sujeito primordial é o depoente. • A verdade está na versão por ele apresentada. • Narrador é soberano para revelar ou ocultar casos, situações e pessoas. • As perguntas das entrevistas são amplas, colocadas em grandes blocos, de forma indicativa dos grandes acontecimentos e na sequência cronológica da trajetória do entrevistado. • O entrevistador não contesta o entrevistado.	• É a que mais se aproxima das soluções comuns e tradicionais de apresentação de trabalhos analíticos em diferentes áreas do conhecimento acadêmico. • A entrevista é mais um documento, compatível com a busca de esclarecimento e, por isso, o grau de atuação do entrevistador como condutor dos trabalhos ficam mais explícito. • Parte de um assunto específico e preestabelecido – a objetividade é direta, pois a temática gira em torno de um esclarecimento ou opinião do entrevistador sobre algum evento definido. • Versão de um acontecimento que discutível ou contestatório. O entrevistador tem papel mais ativo, inclusive de contestação do que o entrevistado diz.	• Trabalha com permanência dos mitos e com a visão de mundo de comunidades que têm valores filtrados por estruturas mentais asseguradas em referências do passado remoto. • Remete às questões de um passado longínquo que se manifesta pelo folclore e pela transmissão geracional. • A entrevista deve abranger pessoas que sejam depositárias das tradições. • O sujeito neste tipo de pesquisa é sempre mais coletivo e menos individual. • Seu uso é comum em estudos de tribos e clãs, que resistem à modernidade. • Exemplos de estudos de tradição oral: destino dos deuses, semideuses, heróis, personagens históricos e malditos, origem de povos, calendários, festividades, rituais, cerimônias cíclicas.

Quadro 1 – Tipologia da História Oral

Fonte: Elaborado com base em Meihy (2002).

Há uma divergência entre os estudiosos em relação ao que é considerada a história oral: um método, uma técnica ou fonte de pesquisa. Na concepção de Alberti (2005, p. 17), “dependendo da orientação do trabalho, pode ser definida como método de investigação científica, como fonte de pesquisa, como técnica de produção e tratamento de pesquisa, ou ainda como técnica de produção e tratamento de depoimentos gravados”, sendo assim, um misto de método, fonte e técnica.

Como método, analisam Amado e Ferreira (2001), a história oral apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho, tais como os diversos tipos de entrevistas e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho funcionando como ponte entre teoria e prática. Os que defendem que a história oral seja uma técnica, prossegue o autor, geralmente, são pessoas envolvidas na constituição e preservação de acervos orais. Estes pesquisadores utilizam as fontes orais de forma esporádica, como fontes de informação complementar, o que teoricamente justificaria essa postura. Por último, acrescentam Matos e Senna (2011), a história oral também pode se apresentar como uma fonte de pesquisa ao acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas à historiografia, pois o historiador, muitas vezes, necessita de documentos variados, não apenas os escritos. Uma das particularidades da história oral - quando utilizada como método, técnica ou fonte de pesquisa – reside, na concepção de Alberti (2004), na proposta da “recuperação do vivido concebido por quem viveu”. Isto nos leva a pensar que o vivido é lembrado de forma diferente por cada indivíduo,

que ao explicar ou contar acontecimentos atribui diferentes significados de importância ou de percepção.

Para a coleta de dados a história oral privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões do mundo como forma de se aproximar do objeto de estudo. A entrevista possibilita a construção e a reconstituição da história por meio dos relatos individuais ou coletivos com pessoas que presenciaram ou testemunharam acontecimentos ou situações como forma de se aproximar do objeto de estudo (ALBERTI, 1989). Outras formas de coleta de dados relatadas por Queiroz (1988) incluem depoimentos, entrevistas, biografias, autobiografias. Considera-se que toda a história de vida é uma ferramenta valiosa por fazer um cruzamento entre a vida individual e o contexto social.

Como resultado, a história oral produz fontes de consulta para estudos, reunidas em acervos abertos a consultas e servindo para estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, grupos religiosos e categorias profissionais (ALBERTI, 1989).

No que tange aos pressupostos da história oral, Alberti (1989) destaca a possibilidade de permitir que a própria pessoa conte o que considera relevante, ao mesmo tempo em que reflete sobre as suas experiências. Esta perspectiva trata os indivíduos como capazes de serem construtores e participantes da história. Dessa forma, uso da história oral representa uma valiosa contribuição científica por auxiliar no desvendamento de aspectos que outros métodos não alcançam, como aqueles que envolvem a subjetividade e a percepção do indivíduo sobre os fatos vividos ou presenciados.

Usando o discurso oral, o indivíduo, passa a ser sujeito na reconstrução de uma história já escrita em que ele participou, mas que não é considerado ator principal. No entender de Thompson (1992, p. 137) a história oral, transforma os objetos de estudos em sujeitos que contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também é mais verdadeira. Thompson (1992) argumenta ainda que lembrar é um processo ativo e recíproco, no qual o pesquisador deve remeter o pesquisado a eventos passados para ajudá-lo. Para que isso seja possível o pesquisador deve saber ou conhecer os fatos e eventos a pesquisar, reportados por outras fontes já existentes, de maneira que possa ajudar o entrevistado.

As possibilidades para o uso da história oral, no entanto, vão além do meio acadêmico, como o caso da utilização em projetos comunitários, a fim de reconstruir temas como memórias de bairros, militância política de trabalhadores sindicalizados, operários aposentados, entre outros. A história oral tem ainda outras possibilidades de utilização incluídas por Alberti (1989), tais como: história do cotidiano, padrões de socialização e trajetórias, história de comunidade, biografias, histórias de experiências e registro de tradições culturais.

2.2 Usos e potencialidades da História Oral no campo da Administração

Amado e Ferreira (2001) relatam uma crescente difusão da história oral nos centros universitários, apesar de algumas diferenças em relação a sua utilização e status. Esse fato ficou evidenciado nos demais trabalhos encontrados na base de dados do *Scielo*. Apesar dos trabalhos serem em sua grande maioria da área de saúde, há também trabalhos em outras áreas como as de Educação, História, Antropologia e Sociologia.

Na área da saúde, cita-se alguns dos trabalhos mais relevantes como os de Mattos e Campos (2011), que propôs contribuir para a história da Enfermagem sergipana e, por conseguinte, da Enfermagem brasileira. Teve como objetivo resgatar a história da Associação Brasileira de Enfermagem, Seção Sergipe (ABEn-SE) e documentar o desempenho dessa entidade nos cenários científico, cultural e político. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa

cujos dados foram coletados através de história oral e história oficial registrada em livros, atas, jornais e documentos. O trabalho de Gusmão e Antunes (2009) teve como objetivo conhecer a história dos ex-trabalhadores de enfermagem, que tiveram hanseníase internados compulsoriamente desde início do século XX no Brasil. As histórias dos sujeitos pesquisados surgiram a partir de entrevistas gravadas com sete moradores da colônia, pelo método da história oral. Os autores Souza *et al.* (2010) objetivaram em seus trabalhos analisar a relação entre as singularidades do doente com história de abandono do tratamento de tuberculose e a atenção dispensada pela equipe de saúde da família à luz do conceito de vínculo. A construção do material empírico deu-se por meio de entrevistas gravadas utilizando-se a História Oral Temática.

Há também trabalhos na área de sociologia como o de autoria de Gusmão, Jobim e Souza (2010) que relataram uma pesquisa sobre as histórias de vida e as memórias dos habitantes de um pequeno povoado, situado na região leste de Minas Gerais. Outro trabalho relevante realizado área de educação refere-se ao de Esquinsani (2012) no qual o autor tece considerações acerca da história oral, apresentando reflexões sobre a posição do sujeito como colaborador em pesquisas e alguns desdobramentos dessa posição singular. Na construção do estudo, a história oral foi utilizada como metodologia comprometida com o resgate da informação e da própria constituição dos sujeitos colaboradores, a partir de seu lugar social e de suas relações e reações diante do fato narrado.

Quanto à utilização atual no campo da Administração, na pesquisa realizada na base de dados do *Scielo* nos últimos cinco anos, dos 141 artigos encontrados que tratam da história oral somente seis são da área de Administração. Desses, três foram publicados no Cadernos EBAPE (Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas/FGV), dois na Revista de Administração Pública/FGV (RAP) e um na Revista de Administração de São Paulo (RAUSP). Em eventos da ANPAD foi encontrado somente um artigo. Observa-se que as publicações da história oral na área de Administração estão concentradas no estado de São Paulo, em sua maioria pela FGV (Fundação Getúlio Vargas).

Observa-se pela quantidade de artigos encontrados que a utilização de tal método na área de Administração e, especificamente na área Pública, ainda é considerada incipiente. De acordo com Camargo e D'Araújo (1999), isso pode atribuir-se ao fato de que as investigações que se apoiam nos estudos de história oral são poucos utilizados, principalmente na área de Administração, por ser pouco representativo para fins de generalização, visto que prioriza a memória e a interpretação das pessoas sobre os fatos e não os fatos em si.

Das publicações nos Cadernos EBAPE, cita-se o estudo de Gomes e Santana (2010) que propõe em seu estudo sensibilizar pesquisadores da área de Administração a respeito da potencialidade do diálogo entre a História e a Administração para a análise da realidade organizacional, bem como enfatizar a importância do desenvolvimento de estudos locais e regionais contemplando as vozes do "passado" e dos "esquecidos". Cabe destacar também o estudo de Dourado *et al.* (2009) que investigou qual(is) o(s) sentido(s) que indivíduos atuantes em organizações fora do enclave do mercado, mais especificamente em organizações de cultura popular, atribuem ao trabalho. Para responder ao problema posto, os autores optaram pelo método qualitativo, mais propriamente a história oral, mediante entrevista narrativa com a dirigente de uma organização de cultura popular afro-brasileira. Menciona-se ainda o estudo de Iizuka, Gonçalves-Dias e Aguerre (2011) que discute a atuação de diferentes atores na gestão social, tendo como foco o processo de cidadania deliberativa. Para o alcance dos objetivos propostos, utilizou-se como metodologia de pesquisa a história oral.

Na RAUSP, foi publicado o trabalho dos autores Xavier *et al.* (2012) que objetivou compreender a reconfiguração do espaço, particularmente do lugar, do não lugar e do entre lugar dos mascates e caixeiros-viajantes de Minas Gerais. Para o alcance dessa compreensão

recorreu-se a elementos da história oral e das formações imaginárias entrelaçadas no universo simbólico dos indivíduos.

Especificamente na área de Administração Pública, têm-se as duas publicações na RAP. O primeiro refere-se ao trabalho de Soares Neto e Silva (2012) que identificou os estágios de aprendizagem do auditor fiscal da Secretaria de Estado da Receita da Paraíba no contexto da prática profissional. De acordo com o autor, tal trabalho se justifica pela crescente demanda social por serviços e agentes públicos mais qualificados o que torna relevante compreender como se efetiva a aprendizagem profissional desses agentes públicos. Nesse sentido, busca-se entender como se situa a aprendizagem organizacional, com ênfase para a aprendizagem contextualizada na ação profissional e para o papel da experiência e da reflexão. Para isso, recorreu-se ao método de pesquisa da história oral. O segundo trabalho, pertence a Iizuka, Gonçalves-Dias e Aguerre (2012) e se situa na mesma linha do trabalho publicado nos Cadernos EBAPE por esses mesmos autores, citado anteriormente.

O artigo encontrado na Anpad foi publicado no EnEO (Encontro da Divisão de Estudos Organizacionais da ANPAD), em 2010. Nesse de autoria de Cappelle, Borges e Miranda (2010), a história oral foi utilizada como técnica complementar de pesquisa para estudar as relações de gênero e a subjetividade na Polícia Militar de Minas Gerais. Aqui a utilização da história oral contribuiu principalmente para compreender como as policiais que atuavam no policiamento operacional se viam como membros de uma organização eminentemente masculina e também a forma como elas eram vistas pelos colegas policiais que trabalhavam com elas. O interesse da história oral utilizada residiu na emoção dos policiais que narraram e o objetivo central da coleta desses depoimentos não se esgotava na busca da verdade e sim na da experiência de cada um.

Com relação às potencialidades do método, no contexto empresarial há alguns casos de empresas que buscam registrar um memorial a partir de depoimentos orais, enfocando crescimento e mudanças ao longo dos anos, acontecimentos importantes e pessoas que marcam a história da empresa (FERREIRA, 1998). Especificamente na área de Administração, a história oral pode ser útil em termos de análise dos seus estatutos, reconstrução dos organogramas, das funções existentes, das relações entre departamentos, do processo de tomada de decisão (FERREIRA *apud* CAPPELLE, BORGES e MIRANDA, 2010). Além disso, pode ser usada para o estudo da cultura organizacional, da ecologia organizacional, do empreendedorismo.

Alerta-se que para alguns objetos de investigação, o investigador não deve se apegar apenas aos relatos orais obtidos na entrevista, sendo comum utilizá-los como complemento de outras fontes investigadas. Desta forma evita-se ser ou ficar refém apenas da memória dos entrevistados (CAPPELLE, BORGES e MIRANDA, 2010). De qualquer maneira, tal como indicam estes autores e a pesquisa até o momento realizada, a história oral apresenta potencialidades e contribuições importantes ao conhecimento científico. Algumas vezes, ela é praticamente o único método a disposição do pesquisador, para recuperar e investigar eventos ainda não-documentados. Outras vezes, ajuda a descobrir outras faces, ainda desconhecidas, de uma realidade complexa.

3. Método Biográfico

3.1 Características e tipos de biografias

O método biográfico surgiu com a crise da metodologia ligada à sociologia clássica, que estabeleceu o desenvolvimento de um procedimento investigativo capaz de levar em consideração os atos individuais concretos, o que não poderia ocorrer por meio de generalizações ou correlações fixas, seguindo determinados padrões interpretativos, mas sim

se valendo de um método que assegurasse a articulação “do ato à estrutura, de uma história individual à história social” (FERRAROTTI, 1988, p. 20).

Na análise de Gobbi (2009), as biografias formam um valioso e atual campo de potenciais estudos. A sua utilização perpassa por várias ciências sendo mais amplamente utilizada pelas ciências sociais. Combinam recursos e conceitos de áreas do conhecimento, como os referentes à História, Antropologia, Sociologia, Psicologia, Jornalismo, entre outras. Também chamadas de perfis, história de vida ou autobiografias, essas narrativas devem mostrar o personagem real. Como declara Vilas Boas “a experiência humana é nossa principal referência” (2002, p. 19).

O autores como Becker, Bertaux, Denzin, Pujadas e Conde citados por Abrantes, Aníbal e Paliotes (2010) descrevem que o método biográfico, é entendido nas ciências sociais, como produção controlada de uma narrativa sobre a vida de uma pessoa, através de um sistema teoricamente orientado de procedimentos explícitos. Distingue-se assim das suas versões literárias e jornalísticas de coleta, seleção e análise de um conjunto relevante de informações, com o intuito de observar e compreender certos processos sociais (diferenciando-se do seu uso, por exemplo, na psicologia).

O objeto de estudo do método biográfico é o indivíduo em sua singularidade. O ponto central dos estudos biográficos é dar voz aos protagonistas do processo a ser investigado em vez de falar por eles através de estudos teóricos. Por meio de sua linguagem, os participantes são capazes de descrever suas iniciativas, aspirações, frustrações e as próprias experiências (BORGES, TORALES e GUERRA, 2011). Ferrarotti (1988) acrescenta que método biográfico estabelece e potencializa a relação entre o singular e o universal, o específico e o geral, a pessoa e o mundo, visando aquilo que o indivíduo realmente é, a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia. Este método permite reconhecer, assim, o social a partir da especificidade irredutível de uma práxis individual.

Através do processo de reconstrução da narrativa, os indivíduos pesquisados são colocados na posição de autores e intérpretes de sua própria história, de suas emoções e de suas decisões, narram Melleiro e Gualda (2003). De acordo com as autoras, quando os indivíduos falam de suas experiências individuais, utilizam a memória, a lembrança, que pode ser compreendida não como reprodução de eventos passados, mas como reconstruções levando-se em consideração a compreensão atual. Busca-se assim, explicar o presente tendo como referência o passado reconstruído.

Uma única biografia pode conter ideias, narrativa, desejo, personagens e validação da subjetividade da vida humana. Trata-se de uma reconstrução detalhada de cenários, gesticulações, hábitos, maneiras, mobiliários, vestuário, decoração; estilos de viajar, comer, arrumar a casa; o modo de educar as crianças, tratar os empregados, os superiores; observações, poses, modos de caminhar e outros detalhes simbólicos que a cena ou a época possam conter (VILAS BOAS, 2002, p.88).

Quanto aos tipos de biografias, Kelchtermans (1994) identifica cinco características: narrativa, construtivista, contextualista, interacionista e dinâmica. Na compreensão do autor, a primeira característica está ligada à forma narrativa e subjetiva pela qual os indivíduos relatam as suas vivências que é o principal componente do método biográfico. Essa abordagem não se interessa tanto pelos fatos experienciados, mas antes pelos significados que os indivíduos atribuem a ao fato. É este elemento interpretativo, juntamente com a estrutura narrativa dos dados que constitui o elemento central do discurso narrativo. A segunda característica, a construtivista, diz respeito ao modo como o indivíduo constrói ativamente as suas experiências em histórias a que atribui significado. A terceira característica, contextualista, refere-se à presença do contexto envolvido nas experiências que os indivíduos narram. A quarta característica, a interacionista diz respeito à interação que se estabelece entre o indivíduo e o contexto na construção de significados, aceitando que o comportamento

humano resulta da interação significativa com o contexto. A característica dinâmica destaca a dimensão temporal dos fatos narrados, situando num dado momento os significados atribuídos à realidade experienciada pelo indivíduo. Isto faz com que o contexto seja entendido não só em termos espaciais e sociais, como também em termos temporais. Diante destes diferentes tipos, cabe concordar com Denzin (1989), quanto à existência de várias formas de escrever os relatos, as experiências individuais de vidas subjetivamente (re) contadas. Cada pesquisador enfatiza distintos problemas e oferece diferentes entendimentos sobre estes.

Vilas Boas (2002) descreve a existência de diferentes técnicas utilizadas na realização de uma biografia, como por exemplo, “[...] a biografia literária que é utilizada apenas para realçar o campo. São biografias de escritores, poetas e ensaístas redigidas por teóricos da literatura, críticos literários e/ou especialistas [...]”. Já a biografia científica, no entender deste autor, é escrita por e sobre alguma personalidade cuja obra foi fundamental para os avanços da ciência. No entanto, todas visam reconstruir e fornecer uma compreensão das vidas de sujeitos individuais e coletivos.

Quanto às fontes de coleta de dados utilizadas nas biografias, Vilas Boas (2002) indica a divisão em fontes primárias e secundárias. A primeira, não depende da memória, da lembrança do indivíduo. Esse tipo de fonte é formada principalmente por documentos, quer sejam ou não oficiais, cartas, *e-mails*, *clippings*, livros de memórias e autobiografias, testemunhos orais, questionários, diários e fotos. Já a segunda, depende do exercício da memória, ou seja, da remontagem do passado. As principais fontes secundárias de dados no método biográfico são as entrevistas. De acordo com o autor, as fontes secundárias são menos confiáveis do que as primárias por lidar diretamente com pessoas que vão se utilizar diretamente de lembranças, memória. Em consequência, atribui aos acontecimentos novos significados, ou seja, a memória tem um caráter subjetivo, com o estabelecimento de pontos de vistas. Para Vilas Boas (2002, p.64), “lembrar não é reviver, e sim refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje as experiências do passado”.

Um dos principais desafios enfrentados pelo método biográfico, no entender de Holanda (2006), refere-se à coleta de dados que requer uma grande quantidade de material que permita o acesso a um mínimo de informações necessárias. É necessário ainda uma clara compreensão do material histórico coletado e um olhar apurado capaz de explicitar o contexto, sob pena de superficialização do trabalho. No interior deste método, o conhecimento do vivido não significa necessariamente a compreensão do real. Caso se utilize um modelo interpretativo, o pesquisador deve ser capaz de se colocar na narrativa e assumir seu ponto de vista na investigação.

No que tange às implicações e potencialidades científicas gerais do método, iniciamos por dizer, juntamente com Silva e Maia (2010), que método biográfico coloca em destaque a necessidade de se repensar a forma de ver e analisar a realidade, de se estabelecer um novo meio científico capaz de dar conta de explicar as pequenas coisas, o cotidiano, o simples, o comum, em detrimento das grandes explicações. Significa dar importância ao singular, específico, pessoal, visando compreender as questões relativas ao nível individual. Os autores ressaltam que o método biográfico possibilita um olhar além das aparências exteriores, de características quantificáveis colocando assim, em evidência a sua potencialidade em trabalhar diretamente com a “subjetividade, a sutileza, a singularidade, a perspectiva do sujeito, os modos particulares com que cada indivíduo se implica com seu processo de formação pessoal e profissional” (SILVA e MAIA, 2010, p. 1).

Uma das leituras que pode ser feita do método biográfico reside em sua possibilidade de compreender a dinâmica das relações que se estabelecem ao longo da existência do indivíduo. Dá-se, assim, a possibilidade de entender como o contexto social interfere na vida do sujeito e, por outro lado, como esse é capaz de alterar o seu ambiente. A partir desse

entendimento, o método funciona como base para construção de teorias sobre o papel do comportamento do indivíduo na mudança cultural e na transmissão da cultura.

As características presentes no método aqui abordado faz com que esse seja dotado por uma riqueza de informações que, tal como acredita Vilas Boas (2002), motiva os leitores tenham motivação em ler as biografias, uma vez que a encaram, muitas vezes, como um retrato de si ou um exemplo a ser seguido.

3.2 Implicações e possibilidades do Método Biográfico na Administração

Em publicações do *Scielo* sobre o método biográfico, nos últimos cinco anos foram encontrados um total de 67 publicações. A maioria delas, no entanto, trata da aplicação do método biográfico em áreas relacionadas à saúde como a enfermagem e psicologia, principalmente.

Na análise dos artigos, verifica-se que esse método é muitas vezes utilizado como método complementar ao método etnográfico, ou vice-versa, ou seja, quando o pesquisador utiliza-se do método biográfico interpretativo como meio de análise dos dados etnográficos. Nessa linha, podem ser citados os trabalhos dos autores Costa e Gualda (2008) e Rios (2008), entre outros. Percebe-se que o método biográfico é utilizado também como uma ferramenta de análise de dados. É utilizado o método biográfico interpretativo que, segundo Denzin (1989), é um método que atribui grande importância às interpretações que as pessoas fazem de sua própria experiência e é considerado uma via de acesso à subjetividade, tendo por finalidade capturar as vozes, as emoções e as ações dos indivíduos e, nessa perspectiva, examinar como as experiências pessoais são percebidas, organizadas e construídas. Como ferramenta de coleta de dados utilizada, observou-se através de uma breve análise das publicações encontradas, que os estudos utilizam principalmente de relatos, observação participante e entrevista.

Das publicações encontradas na área de saúde mencionam-se alguns dos mais relevantes como o das autoras Soares e Lopes (2011) que buscou conhecer e compreender as vivências de gestação e maternidade na adolescência em assentamentos rurais. O estudo desenvolveu-se a partir de uma abordagem qualitativa, sustentando-se no método biográfico. Por sua vez, Costa e Gualda (2008) objetivaram em seu estudo verificar o nível de conhecimento sobre a menopausa e compreender como ocorre a vivência deste estágio biológico próprio do sexo feminino. Nesse estudo o método biográfico foi utilizado como método complementar à observação participante e entrevistas. Giordani (2009) pesquisou os sentidos que os indivíduos anoréxicos atribuem às práticas corporais de restrição e purgação presentes nesse tipo de transtorno alimentar. A partir da etnografia e do método biográfico foi realizada uma descrição intensa do conteúdo das experiências de doença. Foram reconstituídas narrativas sobre a história de vida apoiadas em depoimentos autobiográficos, cartas e diários pessoais.

Deste modo, observa-se que como ressaltam Niewiadomski (2004), Álvares e Lima (2010), Hueso Montoro (2012), a utilização do método biográfico na área de saúde, se baseia no fato de que a compreensão de alguns fenômenos patológicos ou comportamentais não pode ser considerada sem levar em consideração o contexto sociológico no qual eles se inscrevem, justificando assim a utilização do método biográfico.

Foi encontrada também uma ampla aplicação do método na forma de biografias de pessoas que foram influentes na sociedade como figuras relacionadas a política, ciência, escritores, entre outros, que se destacaram por algum motivo pelo se feito para a sociedade. Nesse sentido, cabe destacar as publicações de Oliveira (2010), Montagner (2009), Barros, Camargo, Rosa (2011). Tais publicações são de diferentes áreas, sobretudo da História, Educação, e Sociologia e Antropologia.

Na área de Administração foram encontradas apenas duas publicações. O primeiro artigo dos autores Sausen e Dalfovo (2007) publicado no Cadernos EBAPE refere-se a uma descrição e análise do processo de formação e desenvolvimento do Pólo Moveleiro de Lucas do Rio Verde (MT), a partir de um estudo histórico-biográfico de um conjunto de pequenas e médias empresas. O segundo, do autor Jaime Júnior (2001), publicado na RAE (Revista de Administração de Empresas) da FGV trata-se da utilização do método biográfico para a descrição das trajetórias profissionais de dois antropólogos que têm empreendido trabalhos práticos situados no campo da Administração Mercadológica. Já em anais de eventos científicos da ANPAD não foi encontrado nenhuma publicação, evidenciando o caráter inovador do tema. Verifica-se que, como apresentado no método da história oral, o método biográfico também não é utilizado com frequência na área de Administração. Uma hipótese explicativa deste fato pode estar relacionada ao desconhecimento das potencialidades do método biográfico para o campo da Administração, fato que já constitui uma potencialidade.

Se cada indivíduo ao expressar a sua individualidade também expõe a universalidade de uma estrutura social, é possível “ler uma sociedade através de uma biografia, conhecer o social partindo-se da especificidade irreduzível de uma vida individual” (FERRAROTTI, 1988). Nesse sentido, acredita-se que o emprego do método biográfico também no campo da Administração pode ser promissor. A utilização pode abranger, por exemplo, a descrição de trajetórias profissionais de indivíduos que empreendem trabalhos relevantes situados no campo da Administração, servindo como exemplo a ser seguido a quem se interesse.

Na área de Administração Pública, por exemplo, o método biográfico pode ser utilizado ainda em narrativas de trajetórias de vida de grandes figuras da política devido à importância que representam na compreensão da história do contexto político brasileiro, diretamente relacionado à maneira como foi conduzida a Administração Pública e objetivando assim entender o presente. O método biográfico pode ser aplicado também para descrever e analisar através da evolução histórica o processo de formação e desenvolvimento de empresas ou instituições públicas com o objetivo de resgatar os seus elementos constitutivos, históricos, ou estratégicos.

4. História oral e método biográfico: similaridades e diferenças

No momento da realização de pesquisas, entre as dúvidas que aparecem ao pesquisador se refere à escolha do procedimento metodológico e às técnicas a aplicar. (FLICK, 2009). No caso do método da história oral e do método biográfico a dúvida pode ser ainda maior uma vez que estes possuem mais semelhanças do que diferenças.

A principal aproximação entre os dois métodos aqui tratados diz respeito ao fato de que ambos estão focados na subjetividade dos indivíduos, isto é, consideram os aspectos subjetivos dos sujeitos para se chegar à compreensão dos fatos. Apesar de que, vale ressaltar, utilizam tal recurso com objetivos diferentes. A história oral está preocupada em entender o contexto que envolve o indivíduo, enquanto o método biográfico está focado no sujeito, ficando o contexto, como fato complementar da sua história de vida.

Observa-se a importância para ambos do testemunho oral, lembranças, memórias contadas através de narrativas dos sujeitos que se baseia na concepção de Thompson (1992), não na veracidade dos fatos, mas na forma como ele é lembrado, o que o toma como verdadeiro.

Outro aspecto que evidencia a proximidade de tais métodos reside na possibilidade de utilização de um pelo outro como técnica de coleta de dados. Por um lado, verifica-se, conforme menciona Queiroz (1988), que a história oral utiliza como técnica de coleta de dados depoimentos, entrevistas, biografias, autobiografias que permitem compreender como os indivíduos experimentaram e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida de um

grupo ou da sociedade em geral. Por outro lado, percebe-se em estudos como os de Boti e Aquino (2008), a utilização da história oral objetivando descrever certa biografia.

A história oral tem a sua base de fundamento na realização de entrevistas - técnica majoritariamente utilizada por esse método - com pessoas que presenciaram ou testemunharam acontecimentos ou situações como forma de se aproximar do objeto de estudo. O método biográfico utiliza-se também de entrevistas, dentre outras técnicas, mas com objetivo diferente que é o de investigar diretamente a vida do próprio sujeito. Outro aspecto similar é que ambos utilizam-se de documentos como meio complementar de pesquisa.

Usando o discurso oral, o indivíduo passa a ser sujeito na reconstrução de uma história já escrita em que ele participou, mas que, ao contrário do que acontece no método biográfico, ele não é considerado ator principal. O Quadro 2 sintetiza as principais similaridades e diferenças apresentadas pelos métodos da história oral e biográfico.

História Oral	Método Biográfico
• O sujeito é utilizado para se chegar ao objeto de estudo. • O objetivo é a história do contexto social. • Trata-se de uma reconstituição da história do contexto social. • É focado na subjetividade do indivíduo. • O indivíduo participou ou testemunhou algum acontecimento. • A verdade está na versão apresentada pelo indivíduo. • Os temas são estudados do ponto de vista de quem os vivenciou. • Dá importância ao contexto social. • Utiliza-se de narrativas e memórias através da oralidade dos sujeitos captadas por meio de entrevistas. • Fontes principais de coleta de dados: depoimentos, entrevistas, biografias, autobiografias. Utiliza-se também de documentos como meio complementar de pesquisa.	• O sujeito é o próprio interessado para o estudo. • O objetivo é a história do sujeito. • Trata-se da reconstituição da história do indivíduo. • É focado na subjetividade do indivíduo. • O indivíduo é o autor e intérprete de sua própria história. • Mostra o personagem real. • A verdade está na versão apresentada pelo indivíduo. • Através do indivíduo pode-se conhecer o contexto social, mas não é o interesse central do método. • Dá importância ao singular, específico, pessoal, visando compreender as questões relativas ao nível individual. • Utiliza de narrativas e memórias através da oralidade dos sujeitos captadas por meio de entrevistas. • Fontes principais de coleta de dados: entrevistas, documentos, cartas, e-mail, livros de memórias e autobiografias, testemunhos orais, questionários, diários e fotos.

Quadro 2 - Principais similaridades e diferenças entre História Oral e Método Biográfico

Fonte: Elaborado pelos autores (2013).

Observa-se com o Quadro 2 que há diferenças significativas entre os métodos da história oral e o biográfico, cujos conteúdos possibilitam aos pesquisadores do campo de Administração terem mais informações a respeito das similaridades e das diferenças entre esses métodos. Acredita-se que esta exposição pode contribuir para minimizar ambiguidades, bem como aprimorar e ampliar a utilização desses métodos narrativos em pesquisas no campo da Administração.

5. Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo discutir as principais características, similaridades e diferenças entre a história oral e do método biográfico, bem como a utilização e potencialidades desses métodos no campo da Administração. Para tanto, realizou-se uma pesquisa dos antecedentes teóricos – autores reconhecidos e pesquisadores contemporâneos

dos métodos. Somado a isso, realizou-se também uma busca bibliográfica de artigos científicos publicados na base de dados *scielo* e em eventos da ANPAD, conforme indicados nas referências bibliográficas deste trabalho, a fim de identificar suas formas de utilização no contexto brasileiro nos últimos cinco anos.

A discussão em torno das similaridades e diferenças possibilitou compreender que os métodos apresentam mais semelhanças do que diferenças. Entretanto, vale ressaltar que apesar das similaridades, ambos são utilizados com objetivos diferentes: no método da história oral parte-se do sujeito para se chegar ao objeto de estudo, o objetivo é a história do contexto social na qual o indivíduo participou; já no método biográfico o sujeito é o próprio interessado para o estudo.

A história oral e o método biográfico, seja como método, ou técnica de pesquisa, têm sido utilizadas por antropólogos, sociólogos, historiadores e demais cientistas sociais que decidem pelo método qualitativo, para atingir os objetivos de pesquisas atestam Cappelle, Borges e Miranda (2010). Por esse motivo, acredita-se que a oralidade serve de critério a escrita, na história da humanidade. Assim surge a sua inegável importância e, conseqüentemente, as possibilidades que pode oferecer a pesquisa no contexto das ciências sociais.

Verificou-se uma ampla utilização dos métodos em pesquisas ligadas a áreas da saúde, como enfermagem, psicologia e psiquiatria. A utilização de tais métodos é justificada por estes pesquisadores pela necessidade de conhecimento da vida subjetiva do indivíduo bem como o seu contexto para se entender as questões ligadas à saúde. Observou-se pelas análises das publicações encontradas que o uso da história oral e do método biográfico ainda é incipiente na área de Administração. Pode-se atribuir essa escassez talvez à dificuldade inerente a estes métodos de generalização dos resultados, uma vez que priorizam a memória e a interpretação dos sujeitos sobre os fatos e não os fatos em si. Tal incipiência pode ser atribuída também ao desconhecimento das potencialidades inerentes a esses métodos na área. Espera-se com este texto retomar, ampliar e motivar a discussão sobre os métodos narrativos entre os pesquisadores que se dedicam à pesquisa qualitativa no âmbito da Administração no Brasil.

6. Referências

- ABRANTES, P.; ANÍBAL, A.; PALIOTES, F. Do método biográfico em Sociologia da Educação, **Sociologia da Educação - Revista Luso-Brasileira**, n. 2, 2010.
- ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989. 202 p.
- _____. **Manual de história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- _____. **Manual de História Oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ALBERTI, V.; FERREIRA, M. de M.; FERNANDES, T. M. **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fiocruz/ Casa de Oswaldo Cruz/ CPDOC, 2000.
- ALVARES, T. T; LIMA, M. E. A. Fibromialgia: interfaces com as LER/DORT e considerações sobre sua etiologia ocupacional. **Ciências de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, Maio 2010.
- BARROS, E. R. O. de; CAMARGO, R. C.de; ROSA, M. M.. Vigotski e o teatro: descobertas, relações e revelações. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 16, n. 2, Jun. 2011.
- BORGES, M. G; TORALES, M. A.; GUERRA, T. Os estudos biográficos como contributo metodológico no campo educativo-ambiental: reflexões partir de uma experiência

investigativa com famílias assentadas no Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 6, p. 1-15, 2011.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOTI, N. C. L.; AQUINO, K. A. A Via Sacra da Hanseníase de Veganin. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 61, n. esp., Nov. 2008.

CAMARGO, A.; D'ARAÚJO, C. Como a história oral chegou ao Brasil, (entrevista). **História oral**. Rio de Janeiro, v. 2, n.4, p.167-179, 1999.

CAPPELLE, M. C. A.; BORGES, C. L. P.; MIRANDA, A. R. A. Um exemplo do uso da história oral como técnica complementar de pesquisa em Administração. In: VI Encontro de Estudos Organizacionais da Anpad – EnEO, 2010, Florianópolis-SC. **Anais...** Rio de Janeiro: Anpad, 2010.

COSTA, G. M. C.; GUALDA, D. M. R. Conhecimento e significado cultural da menopausa para um grupo de mulheres. **Rev. esc. enferm.** USP, São Paulo, v. 42, n. 1, Mar. 2008.

DENZIN, N. **The Research Act**, Englewood Cliffs, N. J., Prentice Hall, 1989.

DOURADO, D. P. et al . Sobre o sentido do trabalho fora do enclave de mercado. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, Jun 2009.

ESQUINSANI, R. S. S. Entre percursos, fontes e sujeitos: pesquisa em educação e uso da história oral. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 38, n. 1, Mar. 2012.

FERNANDEZ, J. V. Histórias de vida. In: GORDO, A.; SERRANO, A. **Estrategias y prácticas cualitativas de investigación social**. Madrid: Pearson Prentice Hall, 2008.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: Nóvoa, António; Finger, Mathias. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

FERREIRA, M. M. Desafios e dilemas da história oral anos 90: o caso do Brasil. **História Oral**, São Paulo, nº 1, p.19-30, jun, 1998.

FEUERSCHUTTE, S. G.; GODOI, C. K. Metodologia de Identificação de Competências Gerenciais: uma Proposta com Base na História de Vida de Gerentes Seniores. **Revista Alcance (Online)**, v. 18, p. 302-320, 2011.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa Qualitativa**. 3º ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIBBS, G. El análisis de biografías y narraciones. In: GIBBS, G. **El análisis de datos cualitativos en investigación cualitativa**. Madrid: Ediciones Morata, 2012, cap. 5.

GIORDANI, R. C. F. O corpo sentido e os sentidos do corpo anoréxico. **Rev. Nutr.**, Campinas, v. 22, n. 6, dez. 2009.

GOBBI, M. C. **Método biográfico**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2009.

GOMES, A. F.; SANTANA, W. G.P. A história oral na análise organizacional: a possível e promissora conversa entre a história e a administração. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, Mar. 2010.

GRELE, R. J. Pode-se confiar em alguém com mais de 30 anos? Uma crítica construtiva a história oral. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. **Usos & abusos da história oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. cap. 4 , p. 267-277.

- GUSMÃO, A. P. B.; ANTUNES, M. J. M. Ter Hanseníase e trabalhar na enfermagem: história de lutas e superação. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 62, n. 6, Dez. 2009.
- GUSMÃO, D. S.; JOBIM e SOUZA, S. História, memória e narrativa: a revelação do "quem" nas histórias orais dos habitantes do Córrego dos Januários. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 22, n. 2, Agost. 2010.
- HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes. 1987.
- HOLANDA, A. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. **Aná. Psicológica**, Lisboa, v. 24, n. 3, jul. 2006.
- HUESO MONTORO, C. et al . Understanding the suffering of a patient with an illness: signs, context and strategies. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 3, Jun. 2012 .
- IIZUKA, E. S.; GONCALVES-DIAS, S. L. F.; AGUERRE, P. Gestão social e cidadania deliberativa: a experiência de Ilha Comprida - São Paulo. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, Set. 2011 .
- _____. Reflexões sobre o desenvolvimento territorial sustentável, gestão social e cidadania deliberativa: o caso da bacia do rio Almada (BA). **Revista de Administração Pública** — Rio de Janeiro 46(6):1599-1623, nov./dez. 2012.
- JAIME JÚNIOR, P. Etnomarketing: antropologia, cultura e consumo. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 41, n. 4, Out./Dez. 2001, p. 68-77.
- JOUTARD, P. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. **Usos & abusos da história oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. cap. 4, p. 267-277.
- KELCHTERMANS, G. Biographical methods in the study of teachers' professional development. In: HANDAL, G.; CARLGREN, I.; VAAGE, S. (Ed.). **Teacher thinking and action in varied contexts**. Londres: The Falmer Press, 1994.
- MALLIMACI, F.; BÉLIVEAU, V. G. Historia de vida y métodos biográficos. In: GILDINO, I.G. (coord.) **Estrategias de investigación cualitativa**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2006.
- MATTOS, M. C. T; CAMPOS, M. P. A. Associação Brasileira de Enfermagem – Seção Sergipe: 52 anos de vontade, garra e coração. **Revista Brasileira de Enfermagem** v. 64 n. 2. Brasília, março/abril, 2011.
- MATOS, J. S.; SENNA, A. K. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiae**, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011.
- MEIHY, J.C.S.B. **Manual de História Oral**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998. 86 p.
- _____. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- MELLEIRO, M. M; GUALDA, D. M. R. O método biográfico interpretativo na compreensão e experiências e expressões de gestantes usuárias de um serviço de saúde. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 37, n. 4, Dez. 2003.
- MONTAGNER, Miguel Â. Biografia coletiva, engajamento e memória: a miséria do mundo. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 21, n. 2, 2009.
- MORAES, S. M. Memória e reflexão: A biografia como metodologia de investigação e instrumento de (auto) formação de professores de arte. In: XVIII Encontro da Associação

- Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – Anpap, 2009, Salvador, BA. **Anais ...** Salvador, 2009.
- NIEWIADOMSKI, C. Violências e alcoolismo: abordagem biográfica em alcoologia e hermenêutica do sujeito. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 9, n. 3, Dez. 2004.
- OLIVEIRA, M. da G. de. Brasileiros ilustres no tribunal da posteridade: biografia, memória e experiência da história no Brasil oitocentista. **Varia hist.**, Belo Horizonte, v. 26, n. 43, Jun. 2010.
- QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do indivizível a o divizível. In: SIMPSON, O. R. M. V. (Org.). **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988, p. 14-43.
- RIOS, L. F. Corpos e prazeres nos circuitos de homossociabilidade masculina do Centro do Rio de Janeiro. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, Abr. 2008.
- SAUSEN, J. O.; DALFOVO, W. C. T. . A constituição do Polo Moveleiro de Lucas do Rio Verde (MT): uma retrospectiva histórica de uma iniciativa coletiva de desenvolvimento local e regional. **Cadernos EBAPE.BR** (FGV), v. 5, p. 1, 2007.
- SOARES NETO, A.; SILVA, A. B. da. Os estágios de aprendizagem de auditores fiscais no contexto da prática profissional. **Rev. Adm. Pública**, Rio de Janeiro, v. 46, n. 3, Jun. 2012.
- SOARES, J. S. F.; LOPES, M. J. M. Biografias de gravidez e maternidade na adolescência em assentamentos rurais no Rio Grande do Sul. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 45, n. 4, Agos. 2011.
- SOUZA, K. M. J. de *et al* . Abandono do tratamento de tuberculose e relações de vínculo com a equipe de saúde da família. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 44, n. 4, Dez. 2010 .
- SANTAMARINA, C. MARINAS, J. M. Histórias de vida e história oral. In: Delgado, J. M., & Gutiérrez, J. (Coords.). **Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales**. Madrid: Síntesis, 1994.
- SILVA, F. C. R.; MAIA, S. F. . Narrativas Autobiográficas: interfaces com a pesquisa sobre formação de professores. In: VI ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA UFPI, 2010, Teresina-PI. **Anais do VI Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI**, 2010
- THOMPSON, M. **A voz do passado. história oral**. Rio de Janeiro, 1992.
- VALLES, M. S. Técnicas de conversación, narración: la metodología biográfica. **Técnicas cualitativas de investigación social: reflexión metodológica y práctica profesional**. Madrid: Síntesis, 1997, cap. 7.
- VILAS BOAS, S. **Biografias e biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.
- XAVIER, W. S. *et al*. O imaginário dos mascates e caixeiros-viajantes de Minas Gerais na formação do lugar, do não lugar e do entre lugar. **Rev. Adm.** (São Paulo), São Paulo, v. 47, n. 1, Mar. 2012.